

Público, 21/03/1997, p. 33

CRÍTICA DE TEATRO

Manuel João Gomes

Alguém terá de morrer?

COM A PRESENÇA do autor, Luiz Francisco Rebello, num fórum a abarrotar de espectadores — entre os quais o bispo da diocese setubalense —, o Teatro Animação de Setúbal fez na quarta-feira, 19, a sua primeira estreia de 1997: uma peça de Rebello, tal como “Os Pássaros de Asas Cortadas”, estreado há um ano não só no mesmo palco, como também no mesmo cenário, que, espera a companhia, será também cenário duma terceira peça do autor, “É Urgente o Amor”, a ser estreada antes do ano 2000.

Sim, o cenário — um “living room” todo mobilado de branco, com uma escadaria negra em fundo — continua a dar boas provas e esta reflexão sobre a morte escrita em 1956 não perdeu a capacidade de interpelar o espectador.

Em cena estão sete personagens (mãe, pai, tia, dois filhos, a criada e um Desconhecido) fechadas num “huis clos” sartriano e absurdamente agarradas à vida, depois de, levianamente terem desejado a morte. A marca do existencialismo está subjacente ao discurso de todos eles, mas principalmente do filho (Miguel Assis) que sente perante o mundo e a vida uma náusea profunda.

A peça é um psicodrama. Confronto de cada um consigo mesmo e de todos entre si. A técnica usada mostra-se eficaz e é uma boa ideia que o Agente da Morte, manipulador do psicodrama e seu verdadeiro “encenador”, seja interpretado por um actor (Carlos César) que assina também a encenação.

Acrescente-se ao estratagema do psicodrama um outro recurso hábil: o bom uso do telefone e do relógio, como indutores do “suspense”, máquinas que conseguem ora hipertrofiar a tensão e fechar mais o “huis clos”, ora criar momentos de humor e distensão. Também o sobe-e-desce intermitente da cria-

da serve ora uma ora outra dessas funções.

O texto é, pois, uma máquina bem oleada, por vezes, traíçoeira. O “parti-pris” excessivamente trágico da encenação nem sempre permite manobrar devidamente as suas engrenagens (por exemplo, a personagem da tia — que é um poço de contradições cómicas — podia ter uma actuação sempre irónica) e a dimensão insólita, quase fantástica, da estória sofre um pouco quando o agente da Morte, até ali vestido de negro, surge vestido de branco no final, provocando (aconteceu na estreia) o riso do público: seria mesmo esse o objectivo a atingir?

O elenco de “Alguém Terá de Morrer” é praticamente o mesmo de “Os Pássaros de Asas Cortadas”. E não deixa de ser, para os actores, um bom exercício, este de aprofundar o estudo das respectivas personagens. Quanto ao espectador, será edificante o exercício de os ver evoluir na continuidade. Oxalá que, após a estreia de “É Urgente o Amor”, se possa dizer que a trilogia completa foi — como neste momento parece ser — um dos mais interessantes acontecimentos do teatro português na ponta final do século XX. ■

ALGUÉM TERÁ DE MORRER

DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

ENCENAÇÃO CARLOS CÉSAR/

/JOÃO GASPAR

COM SUSANA BRITO, MARIA

CLEMENTINA, SÓNIA MARTINS,

FERNANDO GUERREIRO,

MARIA SIMÕES, CARLOS CÉSAR,

JOSÉ NOBRE E MIGUEL ASSIS

CENOGRAFIA RASEK SOLRAK

FIGURINOS MIGUEL ASSIS

SETÚBAL Fórum Luísa Todi. Hoje, às 21h30; sáb. e dom., às 16h e às 21h30.